



DESISTÊNCIA ACADÊMICA DE MULHERES EM CURSOS DE ENGENHARIA: REFLEXÕES DESTE FENÔMENO, À LUZ DAS TEORIAS FEMINISTAS.

Eixo Temático 26 - MULHERES NA CIÊNCIA: CONQUISTAS E DESAFIOS

Valeria Aparecida Monteiro de Oliveira¹

Luciana Rosar Fornazari Klanovicz²

RESUMO

A universidade, embora se proponha como espaço de inclusão e respeito à diversidade, pode se tornar um ambiente de aversão e sofrimento. Este artigo decorre de pesquisa de mestrado sobre a desistência e permanência de mulheres em cursos de engenharia e tecnologia na UTFPR. A partir de teorias feministas, especialmente do feminismo negro, analisamos o impacto do adoecimento emocional e daquilo que chamamos de "desistência compulsória", vivenciada por algumas participantes. A interseccionalidade entre gênero, raça e classe é central para compreender os processos de exclusão acadêmica e os desafios enfrentados por essas mulheres.

Palavras-chave: Engenharia, Mulheres, Teorias feministas, Feminismo negro, Desistência compulsória.

¹ Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO, e-mail - valeriamonteiro@utfpr.edu.br

² Professora orientadora, Pós-doutora em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, professora permanente do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Comunitário (PPGDC-Unicentro), e-mail- lucianarfk@unicentro.br



INTRODUÇÃO

Projetamos luzes ao fenômeno da desistência acadêmica de mulheres, em uma perspectiva feminista, partindo da compreensão de que a ciência e a tecnologia são constructos sociais, culturais e históricos que se materializam em corpos, percepções e símbolos. E como resultantes das relações sociais, impressas em atributos e representações do que se compreende como masculino e feminino, as analisamos por meio da categoria gênero. As análises, nesse sentido, buscam compreender esses fenômenos a partir das relações de poder, “tanto estruturais quanto ideológicos – que implicam em relações entre os sexos” (SCOTT, 1995, p. 7) como relacional, não pressupõe uma relação exclusivamente determinada pela dominação de homens sobre as mulheres mas um movimento fluído, construído e com oscilações no tempo e no espaço que se analisa.

Neste sentido, as teorias feministas, sobretudo o feminismo negro, fornecem elementos que contribuem para analisar as relações sociais e interpessoais, considerando também aspectos oriundos da nossa formação histórica, social e cultural. Elementos que podem ser expressos nas categorias raça, classe e gênero.

A ciência excluiu a participação das mulheres por décadas e só no século XIX e XX, é que elas puderam frequentar instituições escolares/acadêmicas. Essa história, conduz a percepção de que a ciência tem gênero, o masculino (CHASSOT, 2003). A engenharia, especialidade que transforma a teoria científica em prática aplicada, igualmente se constituiu como área do conhecimento “masculina”. Surgiu nos séculos XVII e XVIII, como consequência da Revolução Industrial e do Iluminismo. No Brasil o ensino da Engenharia iniciou em 1810, com a fundação da primeira academia militar e tanto o curso como a preparação para a função de engenheiro surgem no ambiente militar, e perdurará no Brasil por mais de um século. A atuação estava relacionada aos assuntos da defesa e da guerra, com a utilização da técnica e das novas descobertas no campo da ciência (LOMBARDI, 2004). Para além de gênero, a ciência e a tecnologia, tem classe e raça.

Na instituição que realizamos a pesquisa, universidade especializada em engenharias e tecnologias, é possível perceber reflexos destas questões, analisando sua



história institucional, seu perfil acadêmico, os percentuais de entrada e desistência dos cursos, entre outras.

Neste estudo nos interessa analisar um recorte específico da nossa pesquisa de mestrado³, em que a expressão de uma das ex -estudantes nos ressoa cotidianamente, “Eu não consigo nem passar em frente da UTFPR” (Sapiência⁴, 2018), relato que nos inquieta de compreender quais elementos contribuem para este estado de aversão física e emocional.

É uma pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio da História oral, que evidencia a existência de um tipo de desistência acadêmica, motivada pelo desenvolvimento e/ou agravamento de adoecimento emocional, que pode levar ao que estamos definindo como desistência compulsória. No caso pesquisado ocorrido com mulheres negras. E aponta para a necessidade de aprofundar a investigação sobre aspectos que não consta nos registros acadêmicos e que “silenciosamente” pode estar provocando a “expulsão” de jovens do ambiente acadêmico.

METODOLOGIA

É uma pesquisa qualitativa, que utiliza a história oral como metodologia, a fim de realizar as análises a partir dos relatos das memórias das entrevistadas. Optamos aqui, pela entrevista de uma das (oito) participantes, a escolha se deu pelo interesse em compreender os elementos que compõem a aversão a esta instituição. A entrevista aconteceu no dia 20 de agosto de 2018, no laboratório do Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero - CIEG, UNICENTRO, teve a duração de 57 minutos de gravação, o material foi transcrito na íntegra e gerou um documento de 12 páginas. Utilizou-se um roteiro com o objetivo de compreender a trajetória de vida escolar da participante, a saber: infância, escolha da graduação, período de permanência e a desistência da graduação. Por

³ Dissertação cujo objetivo foi discutir o processo de desistência de mulheres em cursos de engenharias e tecnologias em uma unidade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, intitulada “Deixe para os meninos’: Gênero e desistência na ciência e na tecnologia” defendida no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário - PPGDC/UNICENTRO em 2019.

⁴ Estudante desistente do curso de Engenharia Mecânica da UTFPR, *campus* Guarapuava. Foi entrevistada em 2018, tinha 24 anos, entrou na universidade com 17 anos e desistiu com 19. Autodeclarada preta, heterossexual, cristã, solteira, sem filhos e com renda per capita familiar de até um salário mínimo.



uma questão de preservarmos a identidade da entrevistada, a identificamos pelo codinome Sapiência. Analisamos os relatos na perspectiva da categoria analítica de gênero, interseccionalidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, lócus da pesquisa, segundo dados do Relatório de Gestão da UTFPR⁵, ano 2022, organizado pela equipe de profissionais da Assessoria de Assuntos Estudantis - ASSAE/UTFPR, apresenta o seguinte perfil de estudantes, em 2022: são no total 37.546 discentes, destes 34% são do sexo feminino e 66% masculino; 67% são brancos e 24% são negros/pardos; 8% tem renda per capita familiar de até 0,5 s.m⁶.; e 28% tem renda per capita de até 1,5% s.m.. Comparativamente, nas demais universidades federais do Brasil, em 2018, 55% dos discentes são do sexo feminino; 45% do sexo masculino, 49% são brancos e 51% são negros/pardos; 26% tem renda per capita familiar de até 0,5 s.m. e 70% tem renda per capita de até 1,5% s.m. Os dados permitem afirmar que são em maioria homens, brancos e com renda per capita acima de 1,5% s.m. Considerando a especialidade em tecnologias, os números estão diretamente vinculados a aspectos históricos, sociais e culturais em que estes cursos foram implementados no país.

A participante da pesquisa, Sapiência (2018) é uma jovem mulher negra, cuja renda econômica familiar evidencia o pertencimento à classe social dos/as trabalhadores/as, condições que remetem à lembrança da construção histórica e social do povo brasileiro. Félix Guattari e Suely Rolnik (2005, p. 9) denominaram de cartografia perversa, construída por 500 anos de história de exclusão e segmentação, “cartografia colonial, escravocrata, ditatorial e capitalista”, marcada por uma hierarquia social que gerou, entre outros problemas, a desigualdade social. Jovem, mulher, negra e pobre. Alguns marcadores sociais[1] dos sujeitos que foram afastados historicamente da produção do conhecimento, da ciência e, por consequência, da universidade.

⁵ Relatório de gestão UTFPR ano 2022, disponível em: [2022 - Relatório de Gestão](#)

⁶ Estamos utilizando a abreviação s.m. para nos referirmos a salário mínimo.



Mais do que características, ser jovem, mulher e negra compõem as expressões históricas, sociais e culturais da produção de subjetividade. Essa composição, segundo Guattari e Rolnik (2005), só pode ser compreendida a partir dos sistemas políticos e econômicos nos quais o sujeito está inserido. Para os autores, na sociedade capitalista a subjetividade é de natureza industrial, fabricada, moldada pelas relações sociais, por elementos culturais, religiosos, ambientais e outras implicações que são recebidas e consumidas pelos sujeitos.

A subjetividade nos países colonizados pela Europa, como é o caso do Brasil, é marcada pela violência da imposição da cultura eurocêntrica e androcêntrica, atingindo todos os aspectos da vida, inclusive o campo do conhecimento, com a desqualificação dos saberes dos povos indígenas e escravizados, e com a incorporação da ciência moderna. Assim, a construção da subjetividade passa necessariamente pelas marcas da cultura eurocêntrica e pelo passado de escravidão no Brasil, que tem marcado a subjetividade de muitas mulheres, como é o caso de Sapiência (2018).

Sapiência (2018) é desistente do curso de Engenharia Mecânica da UTFPR, *campus* Guarapuava. A entrevista aconteceu em 2018, tinha 24 anos, entrou na universidade com 17 e desistiu aos 19 anos. Autodeclarada preta, heterossexual, cristã, solteira, sem filhos e com renda per capita familiar de até um salário mínimo. Estimulada para estudar, filha de professora de séries iniciais, fez magistério, teve possibilidades de ingressar (com a nota do ENEM) em vários cursos de graduação. Optou pela Engenharia Mecânica porque sempre foi um sonho fazer esta graduação.

Nos atendeu, afirmando que aceitaria a entrevista desde que o local para conversarmos não fosse a UTFPR, pois não tinha condições de frequentar aquele local. Iniciamos a entrevista, falando sobre a dificuldade da participante em ir até da UTFPR.

Eu não consigo ainda passar pela frente da UTFPR, eu perdi minha carteira de motorista por causa disso. O instrutor me levou pra fazer aula prática, próximo da UTFPR e eu desisti. (...) depois que eu saí da UTF, eu fiquei seis meses sem sair de casa (...). Eu larguei muita coisa na minha vida por causa da UTF, eu sempre fui muito ativa, eu fazia judô, participava de campeonato, sempre tive uma vida muito agitada, depois que eu entrei na faculdade eu fui perdendo tudo isso. (Sapiência, 2018).

Sobre a Engenharia Mecânica, Sapiência nos revelou que,



Fazer engenharia mecânica sempre foi o meu sonho, quando eu consegui entrar na UTFPR fiquei muito feliz. (...) no primeiro dia de aula e já estranhei, não tinha ninguém conhecido, fiquei meio perdida e daí encontrei uma menina que foi a pessoa que mais convivi na UTFR. Tinha muitos meninos e quase nenhuma menina, eu sou das primeiras turmas de mecânica, naquele tempo tinha poucas meninas. (Sapiência, 2018)

Contudo, ao chegar na universidade para o primeiro dia de aula, uma situação marcou a sua trajetória naquele espaço institucional,

(...) para outras pessoas parece bobagem, mas tinha um menino, acho que ele era de fora, e ele disse: “eu venho de tão longe, chego aqui e só tem essa menina estranha”. Falou se referindo a mim, naquela hora eu não sei o que passou pela minha cabeça, eu me segurei, pensei não vou dar bola, mas aquilo ficou na minha cabeça, todo mundo da sala deu risada, todo mundo! Apenas um menino me defendeu, só um, ele disse: “deixa ela em paz”. Daquele dia em diante eu fiquei muito mal teve outras ocasiões que me chamavam, só falavam aquela menina estranha. (Sapiência, 2018).

E foram muitos os momentos de sofrimento, e o sentimento de estar sozinha,

Eu não conseguia falar pra minha família, fico agora imaginando o sofrimento da minha mãe, ela não sabia que eu estava passando, ela devia pensar em outra coisa violência, assédio. (Sapiência, 2018).

No caso de Sapiência, essa interseção se manifesta em sua experiência de exclusão e adoecimento no ambiente acadêmico, não apenas por ser mulher ou por ser negra, mas por ser mulher negra em um espaço masculinizado, embranquecido e elitizado como o curso de Engenharia Mecânica. Seu sofrimento psíquico, descrito como aversão física ao espaço universitário, está diretamente ligado a essa sobreposição de opressões, revelando como a estrutura institucional pode operar silenciosamente na marginalização de corpos dissidentes.

Essa perspectiva é reforçada por autoras como Patricia Hill Collins (2016), que afirmam que o lugar social ocupado por mulheres negras é constituído por múltiplos sistemas de dominação, e que as experiências dessas mulheres devem ser analisadas com base em suas realidades específicas. Compreender o caso de Sapiência por meio da interseccionalidade é essencial para evidenciar como a exclusão acadêmica pode ser



compulsória, e não resultado de mera escolha individual, como os registros institucionais frequentemente fazem crer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso de Sapiência nos convoca a pensar sobre as formas pelas quais a universidade, ainda que se pretenda como espaço democrático e de produção de conhecimento, pode se constituir em ambiente de exclusão simbólica e material. Sua trajetória evidencia como marcadores sociais como gênero, raça e classe não apenas influenciam, mas moldam profundamente a experiência acadêmica de mulheres negras em cursos hegemonicamente masculinos e brancos, como os das engenharias.

Ser mulher negra em um espaço de educação tecnológica significa resistir cotidianamente à invisibilidade, ao racismo institucional, ao sexismo e à negação de pertencimento. A partir das contribuições das teorias feministas, e em especial do feminismo negro, compreendemos que a desistência de Sapiência não é um ato de vontade isolado, mas expressão de um processo coletivo e histórico de adoecimento emocional provocado por estruturas excludentes e violências sutis e explícitas.

A expressão “desistência compulsória”, tal como propomos neste artigo, refere-se à saída forçada e silenciosa de mulheres que, mesmo com potencial e desejo de permanência, são empurradas para fora da universidade por um conjunto de fatores que atravessam suas subjetividades, muitas vezes sem qualquer registro institucional. Trata-se de uma expulsão simbólica, não formalizada, mas profundamente devastadora, que reforça desigualdades históricas na produção e acesso ao conhecimento.

É urgente ampliar e qualificar as políticas de permanência para que contemplem não apenas aspectos socioeconômicos, mas também as dimensões subjetivas do pertencimento, considerando as violências interseccionais de gênero, raça e classe. Além disso, é fundamental a formação permanente de profissionais da educação e a institucionalização de práticas de escuta, acolhimento e cuidado psicológico com recorte interseccional, a fim de combater o adoecimento e promover a permanência de forma ética, justa e emancipatória.



Portanto, a universidade pública brasileira tem o desafio de se transformar radicalmente para incluir, de fato, as mulheres negras em sua totalidade: seus corpos, saberes, sonhos e potências. Que histórias como a de Sapiência não se repitam em silêncio, mas sejam ouvidas, acolhidas e transformadas em políticas reparadoras que garantam não só o acesso, mas principalmente o direito de permanecer e de florescer no espaço acadêmico.

REFERÊNCIAS

- CHASSOT, Attico. A ciência através dos tempos. São Paulo: Moderna, 2003.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2016.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.
- LOMBARDI, José Claudinei. A constituição histórica da educação tecnológica no Brasil. Revista Brasileira de Educação, n. 27, p. 92-106, 2004.
- SAPIÊNCIA. Entrevista concedida a Valéria de Oliveira. Guarapuava, 2018. Mp3.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
- UTFPR. Relatório de Gestão UTFPR 2022. Disponível em: <<https://www.utfpr.edu.br>>. Acesso em: 12 mar. 2023.